ACTUALIDADE DE FRANCISCO SANCHES

LÚCIO CRAVEIRO DA SILVA

Ao falar de actualidade de Francisco Sanches quero referir-me ao interesse que a sua obra e a sua figura despertam ainda presentemente no mundo da cultura. É certo que este filósofo "no és un filósofo de primera categoria" nem talvez "és un cumbre del pensamiento europeo" mas também é notório que "el autor y su obra concreta" são "de notable interés, tanto desde una perspectiva histórica como desde un análisis temático" como afirma na nota preliminar da tradução castelhana do *Quod Nihil Scitur*, a que vamos aludir, Sérgio Rábade Romeo.

De facto quem pretenda conhecer a época anterior a Descartes e Bacon, na qual se formaram e reagiram, e as correntes cépticas que a envolveram e em parte determinaram, não pode deixar de referir-se a Montaigne, Charron e Francisco Sanches. E como o estudo dessa época tem sido ultimamente mais aprofundado foi inevitável o despertar de maior curiosidade à volta do autor do *Quod Nihil Scitur*. Como prova disso vou apresentar aos leitores portugueses três edições críticas, relativamente recentes, com respectiva tradução e introdução, do QNS.: Francisco Sanchez, *Quod Nihil Scitur*, Edición y traducción de S. Rabade, J. M. Artola y M.F. Perez, C.S. de I.C., Instituto de Filosofia "Luis Vives", Madrid, 1984; Francisco Sanchez, *Il N'Est Science De Rien (Quod Nihil Scitur)*, Édition critique latin-français, texte établi et traduit par Andrée Comparot, Paris, Klincksieck, 1984; Francisco Sanches (Franciscus Sanchez), *That Nothing Is Know (Quod Nihil Scitur)*, Introduction, notes and bibliography by Elaine Limbrick, Latin text established, annotated, and translated by Douglas F. S. Thomson, Cambridge University Press, U. S. A., 1988.

Estas obras, todas publicadas entre 1984 e 1988, vêem confirmar o que nós apelidámos de actualidade de Francisco Sanches.

A tradução castelhana do QNS. publicada pelo Instituto "Luis Vives" Madrid, em 1984 é feita por uma equipa de tradutores dirigida por M. F. Pérez López. É a primeira tradução castelhana séria, de confiança, pois as duas traduções anteriores, na mesma língua, que nós conhecíamos como muito imperfeitas, o tradutor largamente o confirma com exemplos concretos (pp. 33 a 34). E lastima que esta falta de seriedade seja tão frequente na cultura

espanhola e contra ela reage (p. 44). A presente tradução é de facto competente, chega a ser talvez por vezes demasiado literal, mas merece confiança pelo cuidado rigoroso com que é elaborada.

Há contudo na introdução referências à tradução portuguesa que põe problemas à cultura portuguesa e que, por isso, nos apraz registar: "La traducción portuguesa, a cargo del humanista lusitano Basílio de Vasconcelos hace más de setenta años (publicada na Revista de História e reeditada por Moreira de Sá em 1948 e 1955) no nos concierne aqui directamente y por eso evitaremos entrar en su análisis. Sin embargo, dejaremos constancia de que és digna, cuidada y mucho menos manipuladora del texto que llas castellanas. Con seguridad resulta la más útil de todas, tal vez la única hasta hoy que permite hacerse una idea exacta de lo que és el "Quod Nihil Schitur" (p. 44). Isto não quer dizer que não tenha algumas imperfeições, poucas, como o Autor aduz. Mas é uma tradução que, em geral, merece confiança. Como o tradutor espanhol Carlos Mellizo, em sua versão castelhana (Aguilar, Madrid, 1977) diz ter-se utilizado dos textos latinos publicados por Moreira de Sá e Joaquim de Carvalho em 1955, os novos tradutores conferiram esse texto com a primeira edição do Q.N.S., 1581, a única que certamente reviu Francisco Sanches. Qual não foi o seu espanto ao verificarem que nem a edição latina de Moreira de Sá ("que por otro lado nos parece la más elaborada y rica en comparaciones textuales" p. 25, n. 2) nem a "extrañamiente coetania de Coimbra, 1955, que carece del aparato crítico de la anterior" (Ib.) merecem inteira confiança pois, partindo de premissas idênticas, dão um texto diferente da edição de 1581: "Las diferencias son numerosas y de cierto grosor" (p. 28). De facto fica em aberto saber de que edição se serviram os citados autores portugueses: "No disponemos de respuesta para esta pergunta, pero nos permitirá conjecturar que tal vez han utilizado de buena fé algun texto previamente circulante al que convenia en considerar como réplica de la primera edición. Ese "eslabon perdido" no será, en todo caso, la edición citada de Joaquim de Carvalho, Coimbra 1955, y ello por dós razones obvias: porque és coetania de la lisboeta – hecho asimismo insólito – y porque su texto tampoco coincide con ningun otro, ni con el de Lisboa 1955 ni con el originario" (p. 31). Estas observações obrigam-nos evidentemente a rever este problema e precisam de um estudo de comparação de textos. Estará o autor espanhol deficientemente informado ou são imperfeitos os textos do Q.N.S. utilizados pelos dois autores portugueses? Tanto mais que houve duas edições do Q.N.S. em 1981 (uma com erratas) que o autor castelhano parece ignorar.

No mesmo ano, 1984, saiu a "édition critique latin-français", texto

estabelecido e traduzido por Andrée Comparot com prefácio de André Mandouze. O seu texto latino, como também na edição castelhana, foi estabelecido pela primeira edição de 1581 "com algumas correcções aduzidas pela segunda edição de 1618". Estas duas edições são, no conjunto, de uma identidade notável, levando as duas a dedicatória a Diogo de Castro. A autora americana, de que falaremos a seguir, conheceu esta tradução e lançou a seguinte observação: "A bela tradução francesa da Senhora Comparot exibe os aspectos retóricos do latim de Sanches" (p. IX). Esta tradução apresenta algumas notas elucidativas excelentes, sobretudo quando traçam paralelos com autores coevos, mas perde-se por vezes em assuntos menos claros como quando investiga quem poderá ser Diogo de Castro a que Sanches dedica o seu livro.

Em 1988 apareceu a tradução em língua inglesa: Francisco Sanches (Franciscus Sanchez), *That Nothing Is Know (Quod Nihil Scitur)*. Das três apresentações do Q.N.S. de que aqui falamos esta parece a mais cuidada na sua realização. Claramente indica o texto utilizado, que é a primeira edição de 1581, tendo em conta as correcções das erratas inseridas na nova apresentação do texto ainda em 1581. Mas quando o tradutor julga mais claras as diferenças textuais nas edições de 1618 (ainda em vida de F. Sanches), de 1636 e outras posteriores, insere-as no texto mas indicando a origem da correcção, em nota, na respectiva página. Juntamente expressa os critérios que o orientaram na abertura de parágrafos, acentuação e pontuação. Estas preocupações não aparecem tão claras nas edições castelhana e francesa.

Não podemos também deixar de frisar o valor informativo e crítico da introdução. A autora coligiu vasta informação bibliográfica tanto portuguesa como estrangeira e sobretudo tentou um aprofundamento bastante bem logrado da situação do pensamento de F. S. na sua época. Sanches era filósofo e médico, dois aspectos que nem sempre foram tão suficientemente atendidos como nesta valiosa introdução. Quanto à filosofia de F. S. procura muito bem localizá-la nas diversas correntes cépticas do seu tempo o que se tornou mais fácil depois de livro de Popkin, Richard H., *The History of Scepticism from Erasmus to Descartes*, N. Y., 1968. Assim conclue que F. S. não é céptico pirrónico como se tem afirmado erradamente com Bayle, mas sim neo-académico, o que cria perspectivas muito diferentes. Quanto a um dos objectivos centrais da filosofia de F. S. de encontrar um "novo método" de investigação filosófica e científica, a autora encontra-o igualmente nos autores médicos contemporâneos onde essa preocupação era relativamente frequente. Embora este facto fosse conhecido, julgo que ainda não

tinha sido estudado com a vastidão com que a autora o conseguiu nesta introdução.

Foi pena que a mesma preocupação da autora em situar o cepticismo e o "novo método" de F. S. na cultura do seu tempo não se estendesse também aos chamados "aristotélicos" que ele insistentemente tem presente e tão violentamente critica. Mas para isso teria de alargar o seu estudo também à Escolástica daquele tempo muito mais complexa do que a generalidade dos autores supõe. É curioso que cite um artigo meu sobre F. S. de 1951 (que sem minha licença foi republicado este ano numa revista brasileira!) e desconheça outro artigo meu sobre "Francisco Sanches perante a Escolástica do seu tempo" publicado em Aufsätze sur Portuguesischen Kulturgeschichte, Band I, Münster-Westfalen, 1960, onde este aspecto do problema é focado, embora precise ainda de ser completado.

Se eu tivesse pretendido escrever aqui um estudo crítico e aprofundado, algumas deficiências haveria de apontar e teria sobretudo de discutir e desenvolver algumas afirmações e sugestões nestes três livros sobre a biografia e a obra de um dos autores mais importantes da nossa história filosófica. A minha intenção, porém, foi mais modesta: apenas a de apresentar aos leitores portugueses estas três obras recentes de autores estrangeiros sobre F. S. e de frisar alguns aspectos mais característicos.